

# ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA CULTURA FUMA- GEIRA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (BRASIL) \*

DELINDA MARTINEZ ALONSO  
Geógrafo do C.N.G.

## I — Introdução

É bem antiga a cultura fumageira no Rio Grande do Sul, tendo-se notícias sôbre a mesma desde os princípios do século XIX. Iniciada na antiga área colonial rio-grandense no município de São Leopoldo, por iniciativa de colonos alemães, sômente tomou incremento a partir de meados dêsse século, quando se verificou o seu desenvolvimento no município de Santa Cruz do Sul, onde êste cultivo assumiu grande importância. Aos poucos a cultura fumageira tornou-se importante atividade econômica do Rio Grande do Sul e sua industrialização uma das maiores fontes de renda do estado.

Em 1947, o estado sulino, em estudo, atingiu o primeiro lugar na estatística entre os produtores desta solanácea, superando a tradicional Bahia. Nesse ano concorreu o estado gaúcho com uma produção de 39 346 toneladas, correspondendo a uma área cultivada de 35 444 hectares, enquanto a Bahia obteve uma safra de 34 070 toneladas em uma área de cultivo que atingiu 43 619 hectares.

Essa posição foi mantida até hoje, contribuindo o estado sul-rio-grandense com cêrca de 40% do volume total produzido no país, atingindo um valor de 41 877 toneladas sendo que a área dedicada ao plantio do fumo é de 47 955 hectares, segundo dados estimativos de 1955 <sup>1</sup>. Os outros produtores da *Nicotiana tabacum*, em importância econômica, são a Bahia, Santa Catarina e Minas Gerais. A produção do restante do país é, em quantidade, bem menos expressiva.

Enquanto à Bahia, segundo produtor, cabe a liderança no cultivo de variedades destinadas à indústria de charutos, quase tôda a produção do Rio Grande do Sul é empregada na manufatura de cigarros, localizada no próprio estado e em outros pontos do país.

As fábricas industrializadoras do tabaco permitem o suprimento do crescente mercado interno com êsse produto. Além do mais o desenvolvimento dessa indústria em nosso país foi em grande parte incrementado pela proibição da importação de produtos similares.

O fumo ocupa papel de destaque entre os produtos exportáveis do Rio Grande do Sul, sendo enviado para diversos pontos do nosso território e também para outros países.

---

\* Tese apresentada ao XVIII Congresso Internacional de Geografia — Rio de Janeiro — 1956.

<sup>1</sup> Fonte: Serviço de Estatística da Produção — Ministério da Agricultura.

Assim, tem o tabaco grande importância para a economia do Rio Grande do Sul, não só quanto à produção, mas também pela grande industrialização; sendo um dos principais fatores de equilíbrio da sua balança comercial.

## II — *Condições de cultura*

Embora do ponto de vista climático a *Nicotiana tabacum* seja uma planta tropical, encontrou no sul do Brasil condições favoráveis ao seu desenvolvimento. É preciso não esquecer que o clima é um fator importante no cultivo do tabaco. Encontrando aqui um verão e uma primavera bem marcados, com uma época ininterrupta de calor, um período de chuvas bem distribuídas, achou o fumo um *habitat* propício ao seu ciclo vital.

No Rio Grande do Sul o cultivo do tabaco inicia-se durante a primavera, prolongando-se até o verão, quando se verifica a colheita do produto. Isto porque a *Nicotiana* exige para o seu desenvolvimento uma certa quantidade de calor e uma distribuição regular de chuvas, pois a ausência de umidade pode ocasionar o estacionamento prematuro da mesma, originando folhas grosseiras, sem flexibilidade e sem aroma. Da mesma forma, essa umidade tão importante no início do crescimento do tabaco, é prejudicial na época do amadurecimento das folhas.

Outro fator importante é a influência exercida pelo solo sobre a folha do fumo. Sendo a produção gaúcha interessada, principalmente no cultivo de fumos para a indústria de cigarros, os agricultores dão preferência aos solos leves, argilosos, que produzem folha fina e clara, de sabor agradável e de fácil combustibilidade.

Lógicamente, a qualidade do fumo não depende somente dos fatores clima e solo, mas também da variedade escolhida e dos tratamentos culturais dedicados à planta.

A cultura do tabaco é trabalhosa, exigindo muita atenção por parte do lavrador. Compreende várias operações distintas: — a formação dos viveiros, a transplantação para o terreno definitivo, a colheita, a cura de secagem e a classificação por parte de seus cultivadores.

Os viveiros destinados à obtenção de mudas requerem do agricultor inúmeros cuidados. Os canteiros são cobertos com talagarça, protegendo as mudas contra os raios solares e preservando-lhes a umidade tão necessária à germinação e desenvolvimento da planta. Esta prática, também, impede a invasão de insetos daninhos.

A sementeira realiza-se de junho a julho. Em geral, o colono pratica mais de uma sementeira, com intervalo de quinze dias, para ter mudas, para transplantação e replantação. Cultivam um só tipo de fumo — galpão ou estufa —, evitando assim o perigo de cruzamentos, tão prejudiciais à finalidade de sua cultura.

Atingindo as mudas mais ou menos uns 10 centímetros, o que se dá em média dentro de 45 dias, inicia-se a transplantação para o ter-

reno previamente preparado e arado. Essa tarefa executa-se nos meses de agosto, setembro, indo até outubro. A mesma é feita de preferência em dias nublados ou chuvosos, que facilitam o desenvolvimento da planta e permitem o máximo aproveitamento do adubo químico. Alguns dias após a transplantação o colono realiza uma vistoria na lavoura para replante das mudas que não vingaram (foto 1).



Foto 1 — Aspecto da lavoura de tabaco, pouco antes do início da colheita, na região do vale do rio Pardinho, município de Rio Pardo.

(Foto: Tibor Jablonsky — CNG).

A colheita inicia-se em novembro e estende-se até os meses de fevereiro e março. Ela começa, em geral, oito semanas após a transplantação. Neste período a colheita é favorecida pelo tempo mais seco, pois as chuvas que ocorrem são mais leves e esparsas. É feita folha por folha, em dias separados, à medida que vão amarelando. É isto que decide a qualidade do fumo de estufa, ou melhor, o seu sabor e aroma. Utilizam principalmente as crianças para este trabalho, pois as primeiras folhas a serem apanhadas são as que se acham mais em baixo. A mesma pode fornecer seis colheitas, sendo os pés definitivamente arrancados de janeiro a março.

Colhidas as folhas elas são agrupadas segundo o tamanho, em montões, junto ao pé da *Nicotiana tabacum*, aí permanecendo durante 3 a 4 horas para murcharem. Assim, adquirem certa flexibilidade que lhes permite suportar os atritos do transporte para a estufa.

O outro tipo de colheita que encontramos na região é aquele em que todo o pé é cortado e montado em varas, que são levadas para a

“casa de curar”, secando naturalmente durante 6 a 8 semanas. Aqui está a principal diferença no cultivo do tabaco de galpão. Este tipo de colheita traz uma consequência que é a não uniformidade da coloração das folhas.

Este método de colheita é em parte motivado pela falta de braço trabalhador, pois na cultura fumageira raramente entra o elemento assalariado. A mão-de-obra para a cultura e a secagem do fumo é a da família.

Na cultura do tabaco é importante o fator braço. Nela, ainda, predominam os métodos agrícolas primitivos: — as queimadas, a coivara, a enxada ou a cavadeira (esta em alguns casos). O emprêgo do arado é comum na cultura fumageira, como nas outras. Não há nenhuma relação entre esta atividade agrícola e a criação de gado.

O sistema agrícola pelo qual o fumo é cultivado varia. Às vezes é a rotação de culturas com adubação, encontrada nas várzeas e nas áreas planas, ou então o sistema de uma só cultura, mais raro, e, ainda, o de rotação de terras melhorada, nas encostas (foto 2).



Foto 2 — No sopé da serra Geral, a grande riqueza do solo e as condições de clima favorecem o desenvolvimento da cultura fumageira. Tal é o aspecto que encontramos nos arredores da cidade de Candelária (Município de Candelária).

A rotação de culturas mais usada é a seguinte:

- 1.º ano — fumo com adubo;
- 2.º ano — milho, feijão ou mandioca, não se adubando o solo;
- 3.º ano — cultiva-se a mandioca, mas não o milho, ou então aduba-se o solo reiniciando o plantio do tabaco.

Alguns colonos, porém, plantam o fumo por dois anos consecutivos no mesmo lugar, praticando no terceiro e quarto ano o cultivo do milho,

voltando depois ao tabaco. Outros, reiniciam o cultivo do fumo após uma safra de milho. Nesse caso o solo é arado uma, duas ou três vezes a fim de limpá-lo bem das ervas daninhas. Assim, completam a rotação de culturas.

Nas encostas, após o plantio do tabaco, fazem no ano seguinte o cultivo do milho, deixando o terreno durante dois ou três anos em descanso, findo os quais reiniciam a cultura do fumo, às vezes com adubação.

Quando o colono se dedica exclusivamente ao plantio do tabaco, realizando apenas pequenos cultivos para a sua manutenção e da família, êle não deixa a terra ficar em descanso, quer seja na serra ou na baixada. Nesse caso êles adubam a terra cansada, obtendo boas colheitas.

Últimamente tem sido incentivado, por parte principalmente das companhias industrializadoras do fumo, o plantio do feijão soja, em vez do milho nas rotações de culturas. Para êsse fim elas compram o soja, revendendo-o aos colonos. Alguns empregam o feijão soja como forragem, mas em geral, os lavradores revolvem a terra com o soja, voltando ao plantio do fumo. Êle serve ao mesmo tempo para combater a erosão e fixar o nitrogênio ao solo, devolvendo a êste uma grande quantidade de substâncias perdidas. Atualmente representa o soja, juntamente com a adubação, a melhor solução para a recuperação dos solos esgotados.

Quanto ao tipo de propriedade na cultura fumícola do Rio Grande do Sul, é interessante destacar que o fumo é cultivado por pequenos agricultores, quer nas grandes ou em pequenas propriedades. Logo, não existem grandes extensões de fumais, pois as áreas cultivadas variam de 1 a 1,5 hectare.

Nas grandes propriedades, às vezes encontramos lavouras fumageiras em terrenos cedidos a arrendatários: são os parceiros. Os arrendamentos de terra são realizados através de contratos escritos, ou verbalmente. Êles são pagos em dinheiro, ou então é adotado o sistema de parceria, isto é, de porcentagem sobre a produção da lavoura, que quase sempre é dividida entre o proprietário da terra e o colono. Os contratos, em geral são de 2 a 3 anos. Aqui também só trabalha a família do agricultor.

Caracteriza, portanto, esta atividade agrícola o fato de ser a mesma praticada por um grande número de pequenos produtores, que nem sempre são proprietários da terra.

Ê desaconselhada a monocultura do tabaco, principalmente pelos industrializadores do produto. As experiências mostram o malôgro dessa única atividade, como se verificou nos Estados Unidos (vale do Connecticut). Além disso, sendo a *Nicotiana* uma planta de ciclo curto, pode o colono perfeitamente dedicar-se a outros cultivos.

Após a colheita, inicia o colono a "cura" do fumo. São os processos que se sucedem desde a colheita até o enfardamento e que dão ao tabaco as propriedades características — aroma e sabor.

O processo de cura compreende três fases: — o amarelecimento das folhas; a fixação da côr (acastanhado) e a secagem das folhas e, finalmente, a secagem dos talos.

Os métodos de cura utilizados no Rio Grande do Sul são: — o de secagem natural, em galpões abertos ou fechados e a secagem artificial, em estufas.

O primeiro é o mais usado. É um método lento, adquirindo as folhas, pouco a pouco um tom amarelado, que gradativamente é substituído pelo castanho, coloração definitiva da folha curada.

A “casa de cura” (foto 3) é muitas vèzes uma palhoça, ou mesmo, uma dependência da casa do colono onde o ar circula à vontade, sendo as folhas sòmente resguardadas do sol, do vento e da chuva. Em galpões fechados obtém-se uma cura mais perfeita das folhas. Estes são abertos durante os dias de tempo bom, em que não haja umidade, para obtenção de uma cura mais perfeita. As folhas são dispostas nos galpões, em rosários ou penduradas em sentido inverso, quando cortados a pé inteiro. A cura tem a duração de 40 a 60 dias.

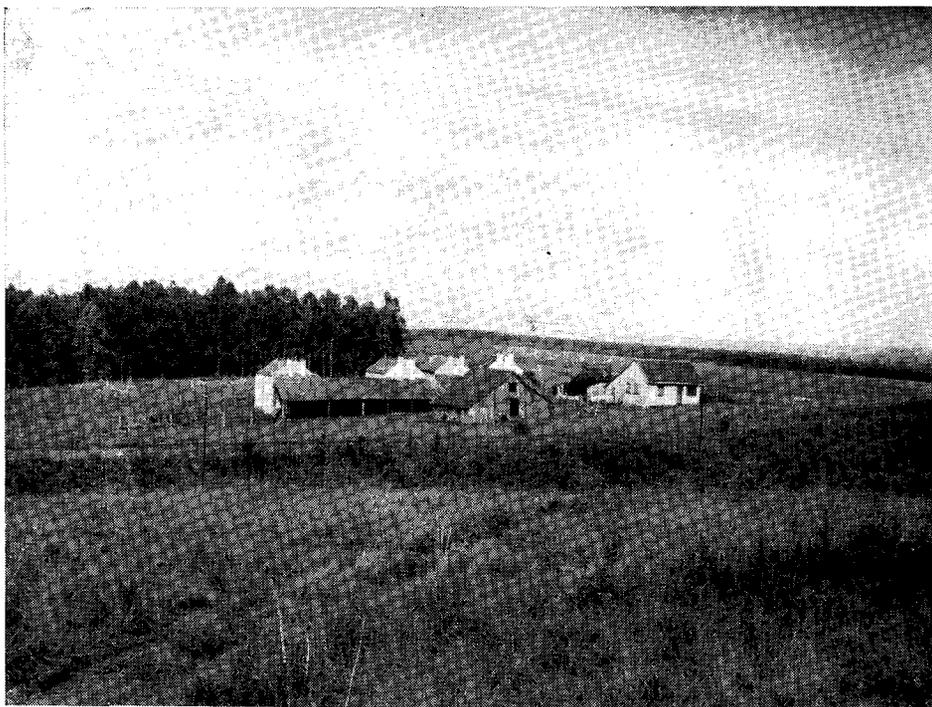


Foto 3 — Na região fumicola é comum encontrarmos ao lado da habitação, os galpões de secagem do fumo. Atualmente, entretanto, os galpões vêm sendo substituídos pelas estufas que permitem uma cura mais perfeita do tabaco. À esquerda, encontramos um bosque artificial de eucaliptos, que fornece a lenha necessária às estufas.

(Foto: Tibor Jablonsky — CNG).

Por êste processo não se obtém fumo muito claro; entretanto êle é o mais empregado na região.

Devido a estas deficiências técnicas, na preparação do tabaco em folha, a Companhia Brasileira de Fumo em Folha, em 1918, introduziu o sistema de secagem artificial, em estufas. Por êste processo obtém-se

uma cura mais perfeita e mais rápida. As folhas dispostas sobre varas, amarradas em cordéis, são acondicionadas na estufa para serem curadas. Inicia-se, então, a secagem pelo fogo indireto. A temperatura inicial de 35°C, é aumentada aos poucos até atingir 93,3°C quando termina a cura do produto. Aos poucos o uso de estufas está se generalizando no Rio Grande do Sul, pois por esse método de cura artificial obtêm-se folhas mais claras, que atingem maior valor comercial.

Completada a cura nos galpões ou nas estufas, após o resfriamento, é o fumo retirado e guardado em armazéns, sendo classificado e reunido em manilhas de 18 a 25 folhas. É, então, vendido a um dos muitos negociantes existentes nas áreas rurais, em geral, representantes das companhias, e pago à vista.

O transporte das folhas "curadas" para os depósitos das companhias, é em geral feito pelo agricultor. O meio mais utilizado nas áreas rurais são as tradicionais carroças (foto 4), mostrando a influência estrangeira dos colonos, que são de origem alemã e italiana. As companhias costumam indenizar os produtores pelo preço do frete da condução — em carroças ou caminhões.



Foto 4 — O transporte das folhas de fumo, após a cura do produto é feita em carros de boi até os povoados, de onde é enviado para as fábricas esterilizadoras e manujadoras do produto.

(Foto: Tibor Jablonsky — CNG).

Entretanto, em áreas mais afastadas encontramos os intermediários, negociantes que percorrem as várias zonas fumageiras, comprando ao colono as safras de fumo de galpão; pois que o de estufa é adquirido diretamente pelas companhias. Quando é o intermediário que realiza

a transação, a êle compete o transporte do produto para as fábricas industrializadoras.

A classificação do fumo, tarefa simples, é realizada pelo colono. As companhias, porém, mantêm funcionários que orientam e auxiliam os agricultores nesse setor, como também em outros.

A fim de se obter uma padronização dos tipos de fumo, êle passou a ser classificado nos termos do decreto n.º 28 152, de 24 de maio de 1950. O tabaco é escolhido e classificado segundo a côr, tamanho da fôlha, qualidade, dilacerações. Foram estabelecidas nove classes para o selecionamento das fôlhas do tabaco (foto 5).



Foto 5 — Detalhe de uma carroça transportadora de fumo, podendo-se notar o aspecto das fôlhas curadas da "Nicotiana tabacum". Pode-se aquilatar o talhe e a perfeição das fôlhas que quase não apresentam dilacerações.

(Foto: Tibor Jablonsky — CNG).

Compete às fábricas industrializadoras do fumo, a parte mais importante da "cura" do produto que é a sua esterilização e fermentação. Após isso o fumo é acondicionado em fardos de 75 kg, e mmédia, podendo ser remetido às fábricas manufadoras.

É a cultura do fumo quase que exclusivamente orientada e assistida por iniciativa particular. São as grandes emprêsas industrias de beneficiamento e enfardamento que assistem técnica e financeiramente os agricultores — desde o plantio até a colheita e primeira fase de beneficiamento no campo. Elas garantem ao colono:

- 1.º) preço estável — é o que interessa ao cultivador;
- 2.º) garantia de compra total da colheita — o que é um incentivo para novos plantios.

## III — Zonas de maior produção

A cultura fumageira acha-se muito disseminada no Rio Grande do Sul. Analisando-se o mapa de produção de tabaco neste estado nota-se, porém, que êsse cultivo se concentrou de maneira mais intensa em alguns municípios localizados na parte centro-oriental e a noroeste, onde o clima e o solo se mostraram bastante favoráveis (Fig. 1).

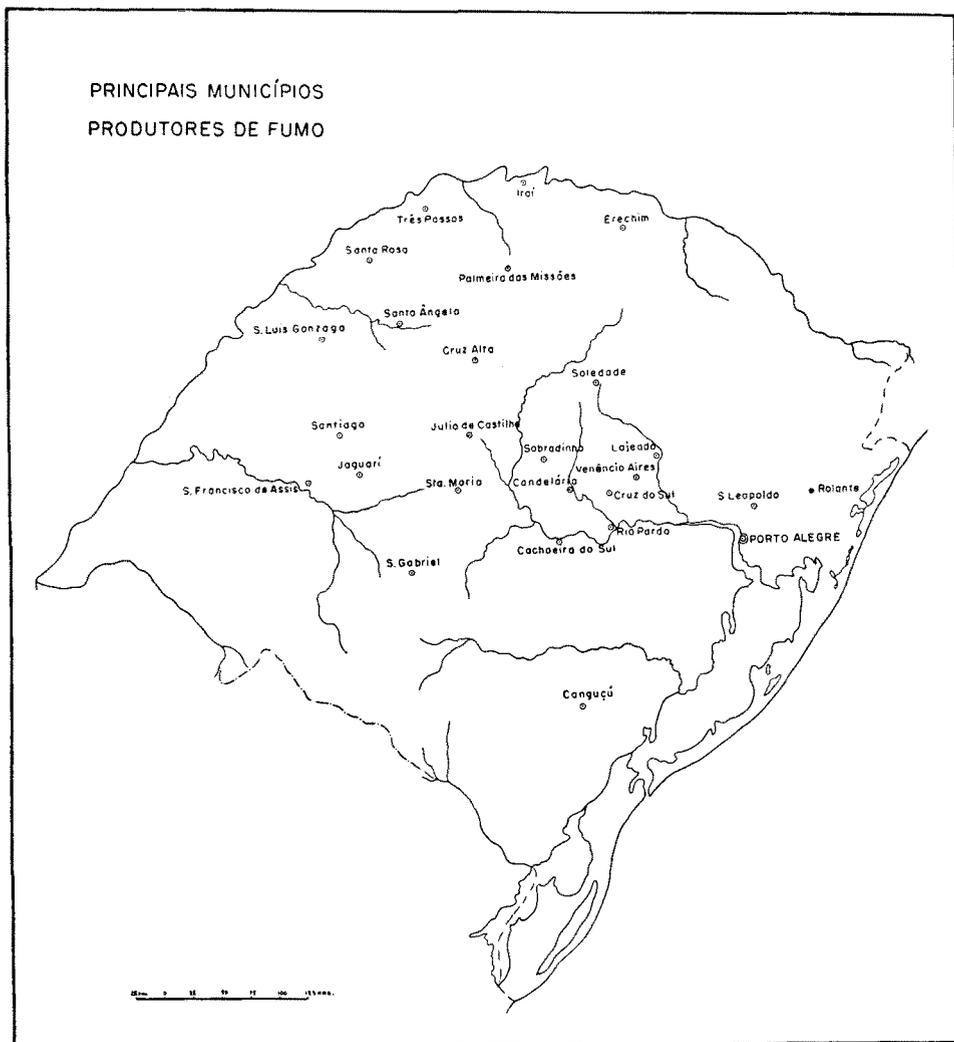


Fig. 1

Assim, ao estudarmos a produção fumícola rio-grandense podemos destacar duas zonas de maior produção: a de Santa Cruz do Sul e a do vale do Uruguai. Na primeira destacamos os municípios de Santa Cruz do Sul, principal produtor, Sobradinho (segundo colocado), Venâncio Aires, Candelária, Lajeado, Cachoeira do Sul, Júlio de Castilhos, Rio Pardo e outros com menor produção. A segunda área, situada a noroeste do território gaúcho é uma zona de produção mais recente,

onde o cultivo do tabaco tem tido grande impulso. Nela sobressaem-se como maiores produtores: — Três Passos e Santa Rosa, além dos municípios de Erexim, Palmeira das Missões, São Luís Gonzaga, Iraí, ainda com pequena produção (Fig.2).

De maneira geral, levando em consideração os municípios de maior produção, encontramos na zona que denominamos de Santa Cruz do Sul, uma safra avaliada em 2 373 770 arrôbas para uma área cultivada que é em média de 30 373 hectares. Enquanto isso na região do vale do Uruguai temos uma safra aproximada de 619 100 arrôbas numa área que é de cêrca de 11 035 hectares, segundo dados estatísticos de 1954.

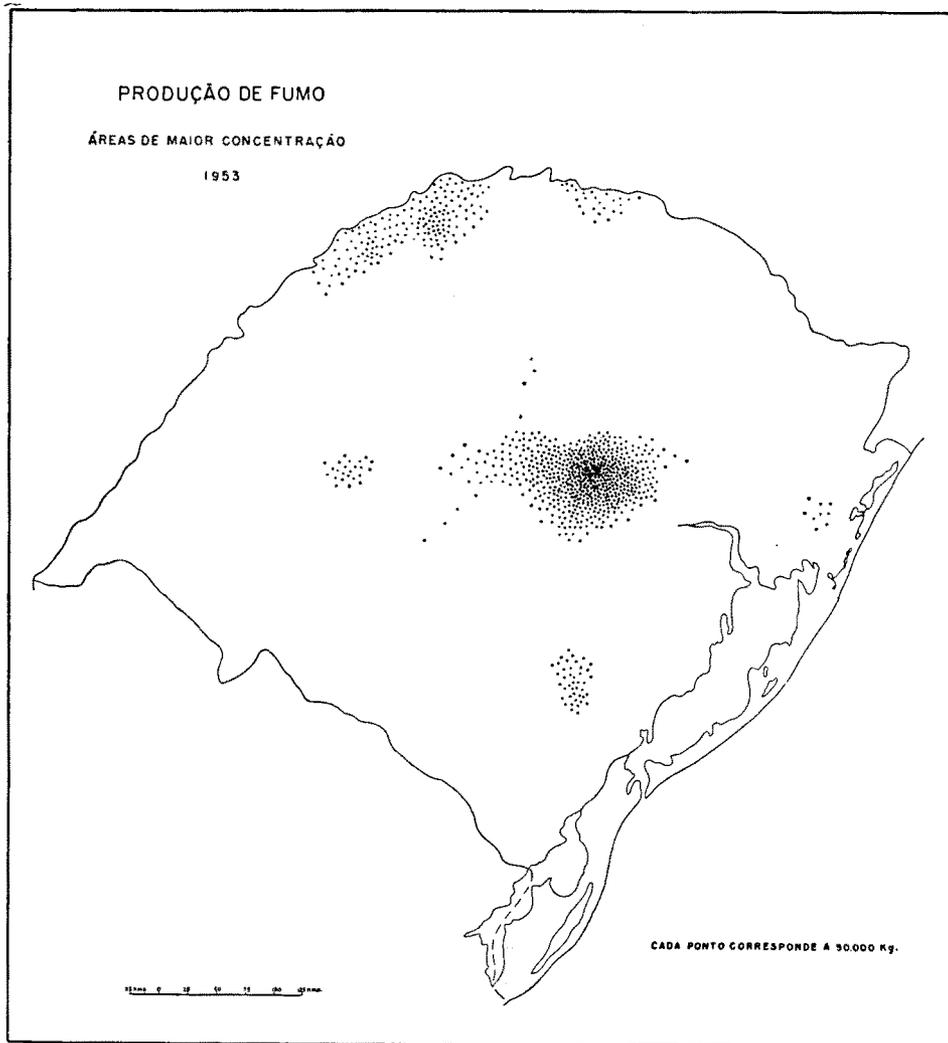


Fig. 2

Segundo análises realizadas pelo Laboratório de Química Agrícola dêste estado vemos que a composição físico-química dos solos das zonas fumícolas do Rio Grande do Sul é bastante variada. Assim, na parte central do estado onde predomina a secagem em estufas, Santa Cruz é um exemplo típico, é a adubação um corretivo usual do solo a fim de

obter maior lucro. Enquanto isso, vemos que em áreas de matas recém-desbravadas, como na região do vale do Uruguai, por exemplo, no município de Santa Rosa, a cultura do tabaco processa-se praticamente sem o auxílio de fertilizantes; sendo bastante compensadora a colheita de fumos de secagem natural.

Um aspecto interessante da cultura fumícola é que inicialmente o colono planta o chamado fumo de galpão, sem adubagem. Com as sucessivas safras o solo vai se esgotando, então o agricultor dedica-se ao plantio do fumo de estufa. Isto faz com que o rendimento por hectare e a produção, no Rio Grande do Sul, não sofram consideráveis diminuições (Figs. 3 e 4), pois é o adubo químico ou animal um importante fator no desenvolvimento da lavoura fumageira.

Assim, tôda a lavoura destinada à colheita de fôlha para secagem em estufas é adubada. É o adubo um elemento importante não só no crescimento do tabaco, como também, para a obtenção de fôlhas de côr clara, tão necessárias na manufatura de cigarros.

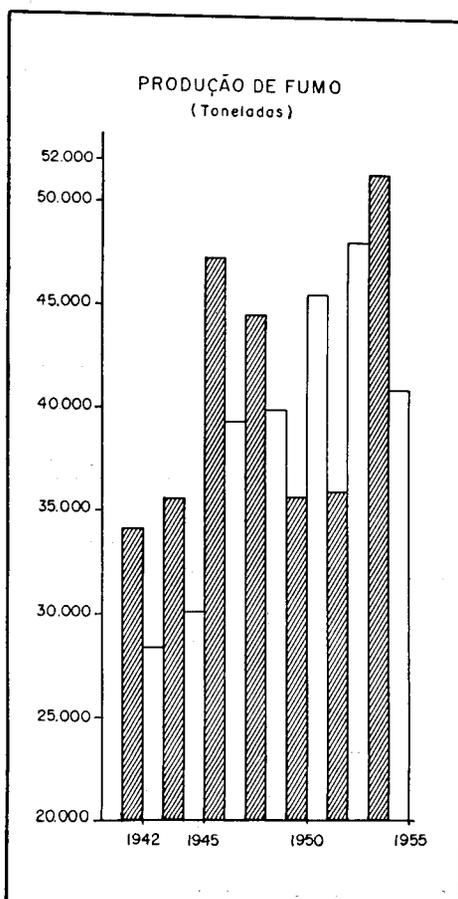


Fig. 3

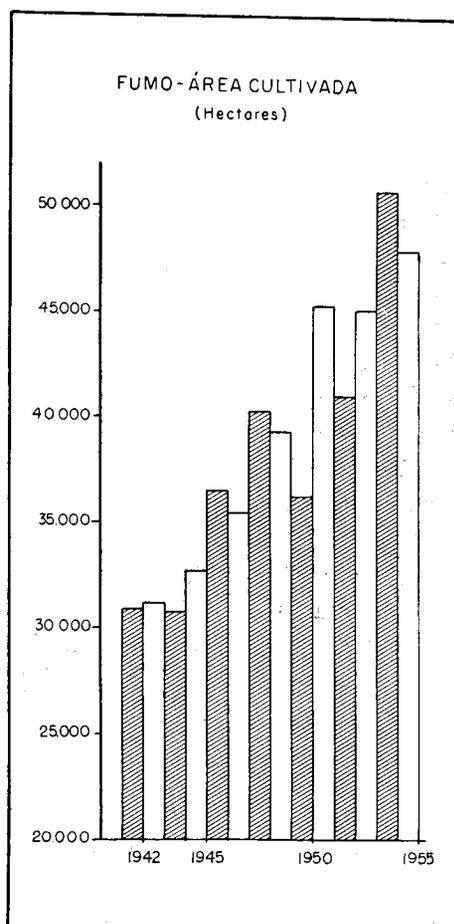


Fig. 4

Encontramos no Rio Grande do Sul os dois processos clássicos de secagem do tabaco: — galpão e estufa. O primeiro consiste na secagem

à sombra ou em galpões, enquanto que o segundo é o fumo de secagem artificial em estufas. Cerca de 60% da produção gaúcha de fumo são de galpão. Assim, na de Santa Cruz, temos o cultivo de tabaco para êsses dois métodos de secagem, e no restante do estado encontramos o plantio do fumo para galpão.

É interessante salientar que o chamado fumo de galpão é próprio de terras mais ricas, de mata ou várzea, e além disso, possui maior resistência que o fumo de estufa. Daí os colonos dizerem que o fumo de galpão é o de "terra boa" e o que é secado nas estufas é o fumo de "terra ruim" (isto é, a que leva adubos).

O cultivo do fumo de galpão é o que apresenta menores dificuldades, sendo também mais fácil a cura do produto. Êste tipo é usado, em geral, pela indústria nacional para o fabrico de cigarros, de qualidade inferior, e também na confecção de fumo desfiado. Isto se verifica pelo menor preço oferecido por êste tipo de tabaco, porém suas qualidades são idênticas às do fumo de estufa. Além disso, cerca de 5% do fumo de galpão são vendidos para o exterior, sendo utilizados no fabrico de charutos. É pela seleção das fôlhas que podem ser empregadas para enchimento e capas de charutos, que elas atingem preço mais razoável.

Enquanto isso tôda a produção de fumo de estufa é utilizada exclusivamente na manufatura de cigarros. Constituem as estufas aspecto bem interessante da paisagem rio-grandense. O plantio do fumo de estufa no território sul-rio-grandense é importante, prova-o o número expressivo de estufas; sômente no município de Santa Cruz do Sul, principal produtor, existem cerca de 1 350 estufas. Em conseqüência, vemos que é bem considerável o consumo de lenha no território gaúcho, por causa da secagem do fumo; daí a devastação de matas e o incentivo ao plantio de eucaliptos, para o fornecimento de combustível necessário ao funcionamento dos fornos de cura do tabaco.

No Rio Grande do Sul também é produzido o chamado "fumo de corda", muito procurado pelas populações rurais e nas praças das fronteiras.

As variedades de tabaco cultivadas no estado gaúcho são muitas, refletem não só a influência do meio mas também as diferentes maneiras como são cultivadas. As mais encontradas são: o "amarelinho" e o "virgínia", para fumo de estufa; o "comum de galpão" (ou "comum de secagem natural"), o "burley" e o "aromático" destinados a cura em galpões.

Entre essas variedades é o "amarelinho" a preferida em função do seu grande rendimento em péso, como também pela sua grande rusticidade; aqui ficou relegado o fator qualidade. Os tipos "burley" e "aromático" têm ainda um pequeno cultivo, pois há poucos anos é que foram introduzidos na cultura fumícola do Rio Grande do Sul.

Essas variedades são adotadas pelos agricultores em relação do fator solo. Assim, o "virgínia" é apropriado para as terras fracas ou de fertilidade média, o "amarelinho" para as regulares; o "burley" ade-

obter maior lucro. Enquanto isso, vemos que em áreas de matas recém-desbravadas, como na região do vale do Uruguai, por exemplo, no município de Santa Rosa, a cultura do tabaco processa-se praticamente sem o auxílio de fertilizantes; sendo bastante compensadora a colheita de fumos de secagem natural.

Um aspecto interessante da cultura fumícola é que inicialmente o colono planta o chamado fumo de galpão, sem adubagem. Com as sucessivas safras o solo vai se esgotando, então o agricultor dedica-se ao plantio do fumo de estufa. Isto faz com que o rendimento por hectare e a produção, no Rio Grande do Sul, não sofram consideráveis diminuições (Figs. 3 e 4), pois é o adubo químico ou animal um importante fator no desenvolvimento da lavoura fumageira.

Assim, tôda a lavoura destinada à colheita de fôlha para secagem em estufas é adubada. É o adubo um elemento importante não só no crescimento do tabaco, como também, para a obtenção de fôlhas de côr clara, tão necessárias na manufatura de cigarros.

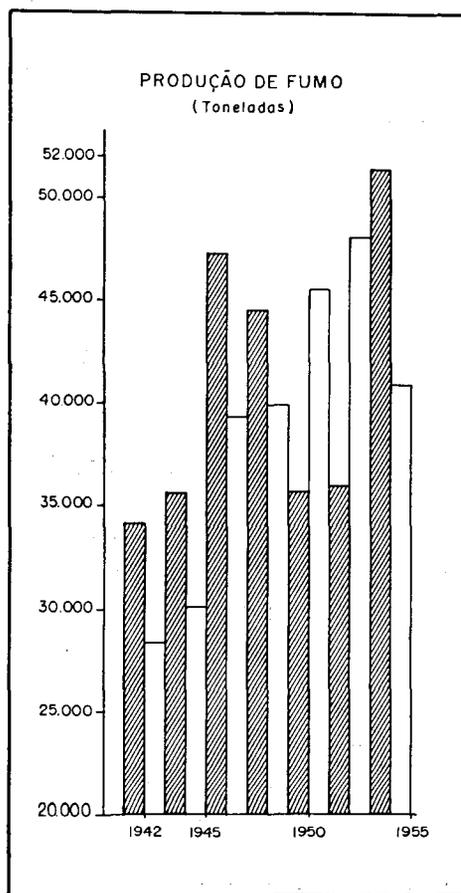


Fig. 3

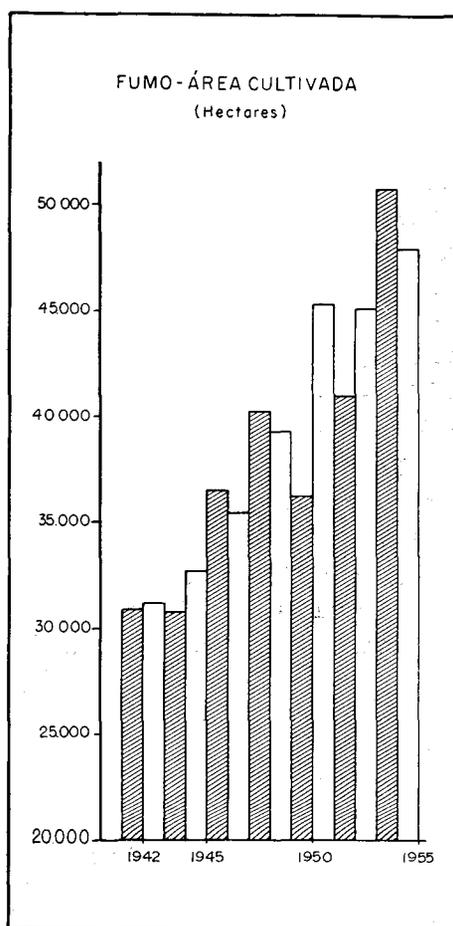


Fig. 4

Encontramos no Rio Grande do Sul os dois processos clássicos de secagem do tabaco: — galpão e estufa. O primeiro consiste na secagem

à sombra ou em galpões, enquanto que o segundo é o fumo de secagem artificial em estufas. Cerca de 60% da produção gaúcha de fumo são de galpão. Assim, na de Santa Cruz, temos o cultivo de tabaco para êsses dois métodos de secagem, e no restante do estado encontramos o plantio do fumo para galpão.

É interessante salientar que o chamado fumo de galpão é próprio de terras mais ricas, de mata ou várzea, e além disso, possui maior resistência que o fumo de estufa. Daí os colonos dizerem que o fumo de galpão é o de "terra boa" e o que é secado nas estufas é o fumo de "terra ruim" (isto é, a que leva adubos).

O cultivo do fumo de galpão é o que apresenta menores dificuldades, sendo também mais fácil a cura do produto. Este tipo é usado, em geral, pela indústria nacional para o fabrico de cigarros, de qualidade inferior, e também na confecção de fumo desfiado. Isto se verifica pelo menor preço oferecido por este tipo de tabaco, porém suas qualidades são idênticas às do fumo de estufa. Além disso, cerca de 5% do fumo de galpão são vendidos para o exterior, sendo utilizados no fabrico de charutos. É pela seleção das folhas que podem ser empregadas para enchimento e capas de charutos, que elas atingem preço mais razoável.

Enquanto isso toda a produção de fumo de estufa é utilizada exclusivamente na manufatura de cigarros. Constituem as estufas aspecto bem interessante da paisagem rio-grandense. O plantio do fumo de estufa no território sul-rio-grandense é importante, prova-o o número expressivo de estufas; somente no município de Santa Cruz do Sul, principal produtor, existem cerca de 1 350 estufas. Em conseqüência, vemos que é bem considerável o consumo de lenha no território gaúcho, por causa da secagem do fumo; daí a devastação de matas e o incentivo ao plantio de eucaliptos, para o fornecimento de combustível necessário ao funcionamento dos fornos de cura do tabaco.

No Rio Grande do Sul também é produzido o chamado "fumo de corda", muito procurado pelas populações rurais e nas praças das fronteiras.

As variedades de tabaco cultivadas no estado gaúcho são muitas, refletem não só a influência do meio mas também as diferentes maneiras como são cultivadas. As mais encontradas são: o "amarelinho" e o "virgínia", para fumo de estufa; o "comum de galpão" (ou "comum de secagem natural"), o "burley" e o "aromático" destinados a cura em galpões.

Entre essas variedades é o "amarelinho" a preferida em função do seu grande rendimento em peso, como também pela sua grande rusticidade; aqui ficou relegado o fator qualidade. Os tipos "burley" e "aromático" têm ainda um pequeno cultivo, pois há poucos anos é que foram introduzidos na cultura fumícola do Rio Grande do Sul.

Essas variedades são adotadas pelos agricultores em relação do fator solo. Assim, o "virgínia" é apropriado para as terras fracas ou de fertilidade média, o "amarelinho" para as regulares; o "burley" ade-

quado às terras férteis, roças novas ou terras de várzea; para o “galpão comum” quanto maior a fertilidade do solo melhor será a colheita; enquanto isso, o “aromático” requer terras não muito férteis e com pouca umidade.

É preciso notar que na denominada zona de Santa Cruz do Sul predomina o cultivo dos fumos “virgínia”, “amarelinho” e “aromático”, enquanto que na outra grande área de concentração do tabaco encontramos as variedades “burley” e “comum de galpão”, tipos mais rústicos.

Entretanto, é necessário não esquecer que a cultura fumageira está se desenvolvendo em outros pontos do território gaúcho. Entre eles se salienta o plantio do tabaco em terras do município de Jaguari e de seus vizinhos São Francisco de Assis e Santiago. A instalação de estufas para a cura das folhas e de estabelecimentos de beneficiamento do fumo em Jaguari é um incentivo para a lavoura fumícola. A sudeste do estado encontramos outro ponto de concentração — o município de Canguçu, localizado na zona das serras de sudeste, que oferece aos agricultores férteis solos de mata. A topografia criando condições diferentes das reinantes nas campinas meridionais, essencialmente pastoris, explica a ocorrência do plantio do tabaco e a presença de uma pequena zona produtora porém expressiva.

Na zona de Santa Cruz do Sul, de colonização mais antiga, a cultura fumageira atingiu um grande desenvolvimento. Nela a supremacia do município que lhe deu o nome é indiscutível e o grande rendimento desse cultivo deve-se a vários fatores. Foi ele um dos pontos de irradiação da cultura do tabaco, certamente devido à influência da colonização alemã.

Acrescente-se a esse fato a instalação do Campo Experimental de Fumo, em áreas do município de Santa Cruz do Sul, em 1929, por iniciativa do governo estadual. Conta o mesmo com uma área de 48 hectares para as suas experiências agrícolas, possuindo modernas estufas e galpões para a secagem do tabaco. Mantém, ainda um grupo de instrutores que percorrem as diversas áreas rurais, orientando os colonos durante as várias fases do cultivo da *Nicotiana tabacum*. Assim, a cultura do fumo tomou grande impulso, surgindo novos tipos de tabaco de melhor cotação comercial, o que muito tem contribuído para o aperfeiçoamento da produção.

A importância da zona de Santa Cruz do Sul não é, somente, pelo fato de ser uma das mais antigas áreas de plantio do tabaco, mas também, em função de ser o grande centro da indústria fumageira. É na cidade de Santa Cruz do Sul que se acham localizadas as principais fábricas manufadoras de cigarros do Rio Grande do Sul. Por isso mesmo é esta cidade o grande ponto centralizador e comercial da produção gaúcho de tabaco, como também de uma boa parte do fumo produzido no estado vizinho — Santa Catarina.

Existem no estado outros postos de concentração da lavoura fumageira, que são as cidades de Santo Ângelo, Lajeado e a pequena vila de

Rolante. Para essas cidades convergem não só a produção do município, como também a das áreas próximas. Na cidade de Santo Ângelo, por exemplo, temos a reunião das colheitas dos municípios de Três Passos, Santa Rosa e outros e, mais ainda da produção do oeste catarinense (de Xapecó, primeiro produtor estadual de Itapiranga, e de outras zonas), pois aí existe um entreposto da Companhia Brasileira de Fumo em Fôlha. É bem verdade que uma parte da safra do estado de Santa Catarina, a do leste, é beneficiada e industrializada pelas fábricas do consórcio Sousa Cruz, localizadas nas cidades de Blumenau, Rio do Sul e Tubarão, e também por outras empresas manufadoras.

O fumo após ser beneficiado nas fábricas daquelas cidades concentradoras é enviado através de estradas de ferro, rodagem, ou mesmo, por via fluvial para Santa Cruz do Sul, principal centro fumageiro. Desta cidade é então o fumo encaminhado para Pôrto Alegre, de onde é exportado para outros pontos do país e para o estrangeiro, através de via marítima.

De Santa Cruz do Sul para Pôrto Alegre, a fábrica Sousa Cruz expede, de preferência, o fumo esterilizado através da via férrea (existe um desvio que chega até a fábrica) ou segue até Pôrto Mariante por caminhão e daí passa para a via fluvial, sendo transportado em pequenos vapores até Pôrto Alegre. Este segundo tipo de transporte é utilizado quando há excesso de produção.

Até pouco antes da primeira guerra mundial o comércio e a indústria brasileira de cigarros eram bem modestos, tomando impulso a partir dessa época. Hoje, além de abastecermos o nosso mercado interno, pois cerca de 75% da produção de tabaco é absorvida pela indústria nacional, somos ainda fornecedores do mercado mundial.

Atualmente, além das indústrias localizadas no estado, os maiores consumidores do fumo gaúcho são as fábricas situadas na Capital Federal, em São Paulo e, em menor importância em alguns estados nordestinos (entre os quais notamos Pernambuco), tôdas pertencentes ao consórcio Sousa Cruz. Atingiu a exportação rio-grandense para as diferentes unidades da Federação, em 1952, um total de 25 967 toneladas.

Ocupa o Brasil o quinto lugar entre os exportadores de fumo do mundo, sendo Pôrto Alegre o segundo pôrto exportador do país, cabendo a Salvador a liderança no comércio exterior de tabaco. A exportação total de fumo brasileiro para os países estrangeiros atingiu, em 1954, o total de 27 409 toneladas, das quais 4 007 toneladas couberam ao Rio Grande do Sul, num valor de Cr\$ 776 810,00 sendo de 1,17% a porcentagem sobre o total da exportação brasileira para o exterior.

É interessante considerar que a indústria fumageira não é recente neste estado. Antes mesmo da instalação dessas fábricas, que apenas vieram incentivar a lavoura do tabaco e orientá-la segundo seus objetivos, existiam no Rio Grande do Sul pequenas indústrias que confeccionavam fumo em corda, atividade essa que não desapareceu após a fundação dessas grandes fábricas.

Existem assim ao lado desses estabelecimentos altamente mecanizados (alguns com mais de mil operários), inúmeras pequenas fábricas, com uma média de vinte operários, que utilizam processos manuais de fabricação e que apenas produzem para consumo local.

A indústria de cigarros continua em franco desenvolvimento. Embora não tenham surgido outras fábricas, vemos que as existentes ampliaram suas instalações, modernizando-as. Elas absorvem quase toda a produção de tabaco em folha da região, e também parte da colheita do estado de Santa Catarina.

Outro aspecto interessante quanto ao comércio do tabaco é que não se verifica uma luta econômica entre as principais empresas industrializadoras do produto. Os mercados de consumo estão divididos entre elas. A Companhia de Cigarros Santa Cruz vende cigarros de qualidade inferior, que encontram ampla aceitação nas áreas rurais (a marca mais conhecida desta fábrica chama-se "Tufuma"); a Sinimbu confecciona cigarros de qualidade média ("Hudson" é a marca mais consumida), como também exporta para o estrangeiro; enquanto isso, a Sousa Cruz vende para todo o país, não realizando exportações.

Os preços do tabaco são impostos pelo grupo Sousa Cruz, que absorve 2/3 da safra gaúcha, impedindo dessa maneira aos outros concorrentes adquirir fumo por menor preço. Assim no início de cada safra a companhia publica os chamados "preços de abertura" que são a base de todas as negociações de fumo no Rio Grande do Sul. Os preços variam segundo a qualidade do produto, atingindo preço mais alto para os primeiros tipos e decrescendo para os inferiores. O fumo de galpão atinge preço mais baixo que o de estufa.

Todos os compradores de fumo, desde as grandes empresas até as pequenas, pagam o preço estipulado pelo consórcio Sousa Cruz. Esta para suprir as sempre crescentes necessidades de suas fábricas distribuídas pelo país, é obrigada a pagar preço razoável, a fim de evitar o abandono dessa atividade agrícola. Não há, portanto, grandes oscilações do mercado do fumo no Rio Grande do Sul, o que lhe vai dar grande estabilidade, pois nessa atividade agrícola estão interessadas grandes organizações capitalistas, vinculadas ao *trust* internacional.

Existe uma certa ética comercial entre as empresas industrializadoras do tabaco, pois uma companhia não adquire fumo a um lavrador que teve sua produção financiada por outra empresa.

\* \* \*

A cultura fumícola sul-rio-grandense favorecida pelos fatores clima e solo, está em franco desenvolvimento. É uma lavoura bem organizada, de iniciativa privada, praticada por grande número de pequenos agricultores e respectivas famílias (interessados nos dois tipos fundamentais de tabaco — o de estufa e o de galpão), em áreas que atingem no máximo 1,5 hectare.

A área de cultivo do tabaco tem aumentado e, conseqüentemente a produção, que sofre por vêzes oscilações, em virtude de irregularidades climáticas. Entretanto, a produção tende a aumentar não só pela importância do mercado interno, como também pela exportação.

A indústria fumageira tem seus preços controlados pelo impôsto de consumo, que onera em cerca de 50% o preço do produto no varejo, estando os preços dos cigarros congelados. Essa atividade industrial neste estado, como em todo o país, acha-se em progressivo crescimento. Ela desenvolveu-se graças à existência de uma atividade agrícola — a cultura fumícola. O capital industrial foi atraído pela agricultura, porém trouxe como resultado o incentivo de uma produção mais acurada, ocasionando um aumento da área cultivada e uma melhoria do produto.

Sobressai, assim, dentro do aspecto rural rio-grandense a paisagem fumageira — as inúmeras e pequenas lavouras, os galpões e as estufas, as fábricas — tudo isso nos revelando a importância econômica do cultivo da *Nicotiana tabacum* não só para o Rio Grande do Sul como para o Brasil.

#### I — BIBLIOGRAFIA

1 — BARBOSA, Carlos

*Cultura do Fumo* — Serviço de Informação Agrícola — Ministério da Agricultura — 2.<sup>a</sup> edição — 35 páginas — Rio de Janeiro — 1950.

2 — BARRETO FILHO, Luís

*Sistema de Vendas* — Tese in “Primeiro Congresso Nacional do Fumo” — Bahia — 1952.

Teses, Contribuições e Indicações Aprovadas — 2.<sup>o</sup> volume — Trabalhos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Comissão — pp. 33/41 com parecer de GILBERTO VALENTE — Bahia — 1954.

3 — BOTELHO, Carlos de Castro

“Notas de Campo — Relatório da Excursão ao Sul: — Santa Catarina e Rio Grande do Sul” — Janeiro 1956 — Inédito.

4 — BUENO, Jarbas

“Estado do Rio Grande do Sul (Fumo)” — Contribuição in “Primeiro Congresso Nacional do Fumo” — Bahia — 1952.

Teses, Contribuições e Indicações Aprovadas — 2.<sup>o</sup> volume — Trabalhos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Comissão — pp. 243/245 — Bahia — 1954.

5 — Conselho de Economia da Associação Comercial de Pôrto Alegre “Produção e Comércio do Fumo no Rio Grande do Sul” in “Primeiro Congresso Nacional do Fumo” — Bahia — 1952.

Teses, Contribuições e Indicações Aprovadas — 2.<sup>o</sup> volume — Trabalhos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Comissão — pp. 247/263 — Bahia — 1954.

6 — *Cultura do Fumo*

Monografia Elaborada pelo Serviço de Inspeção e Fomento Agrícola — Ministério da Agricultura — Serviço de Informações — 59 páginas — Rio de Janeiro — 1928.

- 7 — “Cultura do Fumo”  
*Separata do Boletim de Agricultura, Zootécnica e Veterinária* — Série Agrícola n.º 25 — Secretaria da Agricultura de Minas — 1936.
- 8 — “Cultura do Fumo”  
*Boletim da União Pan-Americana* — N.ºs 52 e 53 — Janeiro 1934 — Washington — D.G.
- 9 — FREITAS, Luís G. Gomes  
*Cultura do Fumo* — Instruções Práticas e Resumidas — Ministério da Agricultura — Departamento Nacional da Produção Vegetal — Serviço de Fomento da Produção Vegetal — 2.ª edição — 18 páginas — Rio de Janeiro — 1938.
- 10 — GRANDIS, Tarquino Benevuto  
“Cultura e Indústria do Fumo” — *Boletim de Agronomia, Zootécnia e Veterinária* — Secretaria da Agricultura de Minas — Ano V — Ns. 2 e 3 — Janeiro e março de 1932.
- 11 — JONES, C. F. e DARKENWALD, G. G.  
*Geografia Econômica* — El Cultivo del Tabaco — Cap. XX pp. 361/372 — 3.ª edição — Fondo de Cultura Económica.
- 12 — KNOELLER, Christian  
*A Cultura do Fumo no Rio Grande do Sul* — Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio — Secção de Investigações, Informações e Publicidade. Bol. n.º 13 — 30 páginas — 2.ª edição — Fevereiro 1937 — Pôrto Alegre.
- 13 — KNOLLER, Christian  
“A Cultura do Fumo no Rio Grande do Sul” — *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio* — pp. 147/173 — Ano VI — N.º 71 — Julho 1940.
- 14 — MOHR, W.  
*Estudos Analíticos sôbre a Composição e as Qualidades dos Fumos Rio-grandenses*. Secretaria do Estado dos Negócios da Agricultura — Ministério da Agricultura — Secção de Documentação — Bol. n.º 45 — Dezembro 1936 — Pôrto Alegre.
- 15 — PEREIRA, José Carlos  
“Cultura do Tabaco no Rio Grande do Sul” — Contribuição in “Primeiro Congresso Nacional do Fumo” — Bahia — 1952.  
Teses, Contribuições e Indicações Aprovadas — 1.º volume — Trabalhos da 1.ª Comissão — pp. 171/179 — com parecer de EDGAR CHASTINET — Bahia — 1954.
- 16 — PIMENTEL, Fortunato  
*Aspectos Gerais da Cultura do Fumo no Rio Grande do Sul* — Secção de Informações e Publicidade Agrícola — Ministério da Agricultura — 32 páginas — Pôrto Alegre 1948.

- 17 — Produção Brasileira n.º 14  
*Separata de Comércio Internacional* — Dezembro 1952 Boletim Mensal da Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil.
- 18 — ROMARIZ, Dora  
 Notas de Campo — Excursão ao Rio Grande do Sul — 1948 — Inédito.
- 19 — SANTANA, Jair  
 “Considerações sobre a Exposição do Fumo no Estado do Rio Grande do Sul” in “Primeiro Congresso Nacional do Fumo” Bahia — 1952.  
 Teses, Contribuições e Indicações Aprovadas — 2.º volume — Trabalhos da 2.ª e 3.ª Comissão — pp. 141/148 — com parecer de RENATO ARAÚJO SAMPAIO — Bahia — 1954.
- 20 — SILVA, Hilda da  
 Notas de Campo — Excursão ao Rio Grande do Sul — 1954 — Inédito.
- 21 — SIMÕES, Ruth M. de Almeida  
 “Notas de Campo — Relatório da Excursão ao Sul: — Santa Catarina e Rio Grande do Sul” — Janeiro 1956 — Inédito.
- 22 — TAVARES, Francisco Fernandes  
 “A Lavoura e o Lavrador de Fumo, os Podêres Públicos, os Tributos” — Tese in “Primeiro Congresso Nacional de Fumo — Bahia — 1952. Teses, Contribuições e Indicações Aprovadas — 2.º volume — Trabalhos da 2.ª e 3.ª Comissão — pp. 85/93 com parecer de JOAQUIM RIBEIRO FILHO — Bahia 1954.
- 23 — VALVERDE, Orlando  
 “Notas de Campo — Relatório da Excursão ao Sul: Santa Catarina e Rio Grande do Sul” — Janeiro 1956 — Inédito.
- 24 — VEIRANO, Lilia Camargo  
 “Produção de Fumo na Bacia Paraná-Uruguaí” — in *Condições geográficas e aspectos geoconômicos da bacia Paraná-Uruguaí* — Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí — I volume — São Paulo 1955 — pp. 332/334 com mapa in II volume, p. 73.

## II — DADOS ESTATÍSTICOS

- 1 — *Anuário Estatístico do Brasil*, ano VII — 1946 — IBGE — CNE.
- 2 — *Anuário Estatístico do Brasil*, ano XI — 1950 — IBGE — CNE.
- 3 — *Anuário Estatístico do Brasil*, ano XVI — 1955 — IBGE — CNE.
- 4 — Serviço de Estatística da Produção — Ministério da Agricultura — *Estimativas da Produção de Fumo*.

## III — MAPAS

- 1 — Mapa Preliminar de Vegetação do Estado do Rio Grande do Sul — CNG — Serviço de Geografia e Cartografia — Secção Regional Sul — 1949 — Esc. Gráfica.

- 2 — Distribuição da População do Estado do Rio Grande do Sul — Recenseamento de 1940 — População Urbana e Rural — CNG Secção de Estudos — Esc. Gráfica.
- 3 — Produção de Fumo — 1950 — Bacia Paraná-Uruguaí — Associação dos Geógrafos Brasileiros — por LILIA C. VEIRANO — Novembro 1954 — Esc. Gráfica.

---

SUMMARY

The tobacco culture in Rio Grande do Sul is very ancient, two zones existing where it has great importance — the one of Santa Cruz do Sul and that of the Uruguaí Valley, situated in the central — oriental part and northwest of the State, respectively. In the first one the municipalities of Santa Cruz do Sul, Sobradinho, Venâncio Aires stand out — it is the older production area. In the second one, more recent, we have as main producers — Três Passos and Santa Rosa.

In some of the municipalities tobacco culture exceed other plants which are relegated to a second level. This is particularly seen in Santa Cruz do Sul which is the greatest producer and also for Venâncio Aires, Três Passos, Candelária, etc. We can say, in a general way that the tobacco culture is spread quite all over Rio Grande do Sul.

In this region it is possible to distinguish two types of tobacco — the one called from stove and that said of shed. Almost 60% of the Rio Grande do Sul's production comes from tobacco of the second type. But both are destinate for the cigarrettes industries. The tobacco called from stoves is used only for cigarretes of superior quality.

Particulary it is interesting to point out two facts — the culture is practiced by small peasants, in small or big properties and doesn't exist large planted extensions of this plant but small areas of one hectares and a half.

The tobacco culture has nearly all the orientation and assistance of the companies which made the industrialization of the product. It is a highly commercial one being destinate to the cigarrettes industries — situated in R.G.S. or other parts of Brazil (S. Paulo, D. Federal). The "Sousa Cruz Cigarretes Company and the "Sinimbu", are the two great factories of Rio Grande do Sul.

In the rural landscape of Rio Grande do Sul we can point out — the tobacco, the sheds and stoves, the factories — all of this showing the economic importance of the culture of the "Nicotiana tabacum".

---

RÉSUMÉ

La culture du tabac au Rio Grande do Sul est très ancienne. Deux régions de cet état — celle de Santa Cruz et celle de la vallée de l'Uruguaí — localisées dans sa partie centre-est et nord-ouest, se distinguent dans cette culture. Dans la première, où la production est plus ancienne, les municipes plus importants sont ceux de Santa Cruz do Sul, Sobradinho, Venâncio Aires. La seconde, où la culture est plus récente, les principaux producteurs sont les municipes de Tres Passos et de Santa Rosa.

Dans quelques uns de ces municipes on peut constater que la culture du tabac domine les autres cultures, reléguant celles-ci à un plan secondaire. Ceci est surtout vrai pour le municipe de Santa Cruz — grand producteur — et aussi pour ceux de Venâncio Aires, Tres Passos, Candelária, etc. On peut même dire, qu'actuellement, la culture du tabac s'est répandue dans presque tout l'état du Rio Grande do Sul.

Dans la région que nous étudions on peut distinguer deux types de tabac — celui de "estufa" (serre) et celui de "galpão" (une sorte d'hangar fermé). Près de 60% de la production du Rio Grande do Sul est constituée de tabac de "galpão". Les deux types se destinent à l'industrie de cigarrettes. Le tabac de "estufa" est uniquement employé dans la production de cigarrettes de qualité supérieure.

Deux faits méritent particulièrement d'être mis en évidence: la culture est faite par de petits cultivateurs, dans des petites ou des grandes propriétés; il n'existe pas de vastes étendues de tabac mais de petites plantations qui atteignent au maximum un hectare et demi.

La culture est presque exclusivement dirigée et protégée par des compagnies qui l'industrialisent. Cette culture très commerciale se destine à l'industrie de cigarrettes qui se trouve localisée dans divers points du Brésil (São Paulo, Distrito Federal). Deux grandes fabriques sont surtout importantes au Rio Grande do Sul: La Compagnie de Cigarros Sousa Cruz et la Sinimbu.

De cette manière, les petites plantations de tabac, les "galpões", et les "estufas" qui révèlent l'importance économique de la culture du "Nicotiana tabacum" se détachent dans le paysage rural du Rio Grande do Sul.